



Gaiato



**PORTE
PAGO**

Quinzenário * 5 de Março de 1983 * Ano XXXIX — N.º 1017 — Preço 7\$50

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo

AQUI, LISBOA!

«A Igreja deve escolher os caminhos da pobreza e do serviço. Ela deve estar ao serviço de todos os homens, com uma solicitude especial pelos mais pobres, os desprezados, os oprimidos, os isolados, os presos, os doentes, as pessoas idosas, todos os tristes e aflitos. Sem esquecer que a carência de bens materiais não é a única forma de pobreza humana, a Igreja empenhar-se-á na libertação do homem de todas as formas de opressão. Ela descobrirá que ser pobre é viver na dependência de Deus, sem cair na idolatria dos bens terrenos; é saber partilhar os bens que se possuem, tanto os materiais como os espirituais.» São palavras do Plano de Acção Pastoral para 1976 do Patriarcado de Lisboa, muito actuais e adequadas ao período quarismal agora começado.

Uma pergunta se nos põe: como pôr em prática tal plano se não houver gente disponível, capaz de se empenhar com garra e desprendimento na sua execução? Falar de planos e teorizar acerca deles é fácil, mas se não houver alguém disposto a dar a sua vida para que se tornem concretos, reais, de nada valerão, por inconsequentes. Entretanto, os problemas agudizar-se-ão e as carências e os sofrimentos atingirão volumes dramáticos.

Temos escrito e dito muitas vezes que uma sociedade incapaz de gerar no seu seio os elementos indispensáveis para satisfazer as suas necessida-

des é um corpo decrépito, sem alma e sem vida, revelador de forte crise de valores morais. E, com mais razão, se se intitula cristã, pela contradição existente entre o que diz e o que faz. Sim, que dizermos-nos cristãos nada custa, e o que importa é vivermos como tal, em exigência e compromisso testemunhal.

Escolher os caminhos da pobreza e do serviço e estar ao serviço de todos os homens é procurar afincadamente cumprir as bem-aventuranças de que nos fala o Evangelho do dia em que escrevemos, buscando os critérios do Reino dos Céus e rejeitando de maneira decidida os critérios terrenos. Não é pondo o coração e a inteligência nas coisas, como princípio e fim; não é o apego à grandeza ou ao poder, como metas a atingir por qualquer preço; não é a busca do prestígio ou da glória que tornarão o homem feliz e rectamente social e fraterno. Sem desprendimento interior, sem saber distinguir entre uso e posse, sem o sentido dos Outros, o homem tornar-se-á escravo das coisas e, ensimesmado, instalar-se-á num mundo cheio de egoísmos e de paixões desordenadas, isto é, será, como dizia Plutarco, «homo hominis lupus».

É com tristeza que vemos cristãos responsáveis ou que, pelo menos, o deveriam ser, menosprezar os caminhos do Mestre, dizendo que as veredas que trilhamos não são actuais

«Amar é dar até doer» (Madre Teresa)

e que compete a outros fazer aquilo a que nos devotamos. Olvidem, porém, que não foi esse o sentir e o proceder do Nazareno e dos discípulos; desconhecem que a Igreja deve ser profética, denunciando as injustiças, sobretudo tomando a rabiça do arado, fazendo o que os outros não conseguem ou se recusam a realizar. Que se limitem a meras especulações académicas, mais ou menos filosóficas ou teológicas, discutindo o sexo dos anjos e quejandos, que nós, embora sabendo apenas o a b c indispensável, preferimos testemunhar, por via das obras o Evangelho, dando-nos. «Ai do pensamento que não leva a amar!», citamos de cor Bossuet: «E amar, como disse a Madre Teresa, é dar até doer» e a referência é Cristo crucificado.

Há mais de vinte e cinco anos, quando frequentávamos a Universidade, lá para os lados de Alcântara e não só, com um grupo de jovens colegas, tivemos ocasião de visitar e assistir, na medida das nossas possibilidades, muitos dos nossos Irmãos em dificuldades, nos tugúrios mais abjectos. Pois, para alguns, intelectuais de meia tigela, bem pensantes, os que fomos aos Pobres éramos como que cristãos de refúgio ou de segunda categoria. Louvado seja Deus. O que é certo, porém, nós permanecemos e muitos dos outros ficaram pelo caminho, absorvidos

Cont. na 4.ª página

REFLECTINDO

São todos os cristãos convidados neste tempo da Quaresma a procurar um maior encontro com Deus e com os Irmãos para mais profundamente celebrarem a Páscoa que se avizinha.

Cada cristão recebe em cada dia o Mandamento do Senhor de amar os seus Irmãos, de uma maneira principal aqueles mais crucificados. Para que este Mandamento seja melhor compreendido foi-nos dito que deveríamos ver o próprio Cristo nos nossos Irmãos mais pequeninos, mais sofredores.

Qualquer cidadão que se informe pela Imprensa, pela Rádio ou pela Televisão do que vai pelo Mundo, poderá fazer uma ideia do sofrimento dos homens: Povos inteiros carecidos de condições dignas de vida; famílias dizimadas pelas guerras; catástrofes que vão acontecendo aqui e ali, deixando mergulhados na dor centenas de seres humanos; tudo o que nos dá a imagem perfeita da insegurança que repousa sobre o homem, nesta sua passagem pela vida terrena.

As reportagens que nos são apresentadas sobre os povos subdesenvolvidos correm o risco de nos dar uma ideia falsa de ausência de pobreza real no nosso País. A distância a que nos sentimos dos povos onde a miséria é nota dominante, pode fazer-nos esquecer que por aqui — embora não com a mesma percentagem — muitos Irmãos nossos sofrem cada

dia a dureza da impossibilidade de resolver as suas necessidades mais essenciais. A voz de tantos destes vem muitas vezes até nós. As suas lágrimas estão muitas vezes presentes ante os nossos olhos. A realidade destas situações não pode ser por nós esquecida, porque se nos apresenta, com toda a sua força, em toda a sua nudez.

Hoje, no fim do almoço, uma senhora queria falar comigo. Envergonhada. Nunca tinha pedido. Cinquenta e alguns anos, aumentados pelo sofrimento. O marido tinha morrido na guerra, em África, num assalto ao comboio em que viajava. Desse acontecimento ficou-lhe uma pensão de sangue de dois mil e quatrocentos escudos.

Contou-nos esta mulher que

Cont. na 4.ª página

Património dos Pobres

● Nabot tinha uma vinha junto do palácio do rei Acab. Foi esta vinha que o rei desejou de tal modo que deixou de comer e dormir. Nabot foi morto injustamente e o rei tomou posse da vinha.

De igual modo procedeu David, que, tendo tantas mulheres, só desejou a mulher de Urias. Urias foi morto injustamente. E o rei tomou posse de sua mulher.

No nosso tempo casos idênticos se repetem.

Um homem muito rico comprou uns terrenos. Fez projectos para grandes blocos residenciais. Foi então descoberta uma pequena casa habitada por uma família pobre. O dito homem perdeu o sono. Foi com aparato de palavras. Ofereceu uma riqueza aparente e falsa a troco da casinha pequena — mas tão querida pela família. Deu um pequeno talhão num canto dos terrenos. Foi tudo legal. Ficou tudo escrito. Ninguém pode reclamar.

Iludidos, deitaram mãos à nova casa. Fizeram a cave, estacaram a primeira placa,

Cont. na 4.ª página



CALVÁRIO

«Foi pensamento sublime aquele que Deus ditou a Pai Américo. Almas imortais em corpos enfermos, votados ao desamparo, reclamam poiso condigno para as horas derradeiras da passagem terrena. Inválidos sem família, doentes sem cura, monstros sem abrigo na sociedade que os segrega — foram e são motivo premente da existência do Calvário.

Este nasce. Cresce. A multidão dos crentes na ressurreição da carne enferma, quer que o Calvário seja. E ele é! Umaz vezes tem sido local de ressurreição para tantos que, no abandono a que estavam entregues, nunca passariam de pesos mortos.» Como a Maria, da Nazaré!

PELAS CASAS DO GAIATO

Paço de Sousa

DESPORTO — No passado fim-de-semana a nossa equipa realizou mais um encontro de futebol.

O jogo decorreu com muito agrado, pois a equipa que nos visitou ofereceu bons momentos de futebol. No final ganhámos por 11-2.

Agradecemos a colaboração de todos os que nos visitam e oferecem agradáveis momentos de futebol.

NEVE — A nossa Aldeia foi palco de uma grande alegria e admiração por parte de toda a Comunidade: dois nevões! Há vários anos que não se presenciava um espectáculo semelhante — a neve!

Logo de manhã, por volta das 6,30h, a emoção foi grande para os primeiros a presenciar o espectáculo. E, a partir desse momento, todos saltaram os pés fora da cama para contemplarem, das suas casas, o quadro tão lindo — que a neve nos ofereceu até ao dia de Carnaval!

A admiração foi tanta que não posso deixar de acrescentar uma pequena nota escrita pelo «Gá-Gá»:

«No dia 11 de Fevereiro, uma coisa que é raro acontecer, cá para a nossa zona, aconteceu: foi nevar.

Neste dia, o «Régua», ao sair da cama para o trabalho, viu que tinha nevado. Correu logo para o «Perna-Longa» e disse: — Anda ver uma coisa tão linda!...

O «Perna-Longa» correu, depois, para a cama do Vieira e disse: — Anda ver uma coisa de Natal!... E ficaram todos a saber.

Os primeiros não respeitaram as horas..., que não tinha tocado para levantar! E já toda a Aldeia estava cheia de rapazes brincando sobre a neve!

O Neca tirou fotografias à paisagem, bonita como ela era!

Até os nossos Padres não resistiram à brincadeira da neve!

«Gá-Gá»

CARNAVAL — A neve e a chuva foram dois pontos que marcaram o dia de Carnaval, pois não pudemos fazer o desfile dos mascarados — como é hábito, todos os anos.

Contudo, foi um dia bem passado;



A nossa Aldeia branca de neve!

todos tiraram o proveito devido, consoante os gostos.

O nosso salão de festas esteve completamente esgotado pois era o melhor sítio para se passar a festa de Carnaval.

CHEFES — Em nossa Comunidade — como em todas as famílias — o trabalho da Casa é distribuído pelos elementos que compõem o lar.

Na nossa vida, como não podia deixar de ser, cada um tem a sua tarefa a desempenhar; muitas vezes tarefas difíceis, como as dos nossos chefes. A sua missão, se for desempenhada dentro das normas estabelecidas, é, na verdade, um trabalho difícil; e, por vezes, torna-se mais difícil ainda, se os mais velhos não colaborarem e apoiarem os que desempenham essa tarefa.

O ser chefe é um cargo de muita responsabilidade! Que o digam os chefes de família, quanto custa desempenhar essa função!...

Esperamos que todos os chefes aliviem o fardo com a nossa colaboração — pois ele é muito doloroso, por vezes!

Carlos Alberto

Setúbal

«BATATINHAS» — Temos outro «rei». Era o Marinho, era o «Té». Veio o Lúcio, de quatro anos, e destronou-os! Em nossas Casas é assim: o «Batatinha» mais pequenino é «rei». É assim nas famílias pequenas ou grandes.

É isto na natureza dos outros animais. Os maiores cuidados, os maiores carinhos são canalizados para os mais inocentes, para os mais pequeninos.

FUGAS — O Amândio tornou a fugir. É o maior fugitivo! Tem sido castigado e instruído para o não fazer, mas ele insiste e vai. Desta vez desencaminhou dois companheiros, mas eles recusaram.

Foi, e roubou uma bicicleta na vizinhança. Andou por lá, até que o vieram trazer. Será desta vez que o Amândio se convence de que a Casa do Gaiato é a sua família?

AMIZADE — Eu estive de cama com gripe. O melhor bocadinho que passava, era à noitinha, quando o «Fátima» me vinha visitar. Ele é carpinteiro. Tanta vez tenho ralhado com ele durante o trabalho! Mas sabe bem porquê, e paga-me com estas visitas. Como eu gosto!... Que melhor xarope poderia eu tomar? Como é que nós não havemos de retribuir esta amizade?

Eles, nestas suas idades impulsivas, é que não conseguem ver aquilo que lhes queremos dizer para que sejam homens.

O «Fátima» vai compreendendo, à sua maneira. Muito trabalho de carpintaria da casa três foi feito por ele.

As visitas que me fez, fizeram-me acordar... Que o Pai do Céu nos dê muita paciência para amarmos melhor os Seus predilectos.

VIDA MILITAR — Temos cinco deles a servir na vida militar. Sempre que podem, vêm a Casa. É a família deles, e eles procuram-na. Que saibam ser dignos dela!

HORA DO TERÇO — É a hora em que eu vou ter com o sr. Padre Acílio para me dar uma injeção. Enquanto a seringa ferve, entro na oração. O pequeno que dita os mistérios e dirige a oração chega ao fim e dedica três Avé-Marias «por todos os que sofrem». Os que penam pelo corpo e choram pelo espírito. O mundo sofre por!

PÃO — «Hoje há pão quentinho!» — exclama um deles à hora da merenda, com um navo de pão barrado com doce.

O regozijo é do sabor, pois não existe a preocupação de saber como ele, o pão, aparece.

O padeiro coze dia sim-dia não. De cada vez que chega farinha são trinta e tal contos! Não me perguntem de onde vem o dinheiro para as despesas da Casa...

«Hoje há pão quentinho!»... Vale a pena esperarmos pelo corveio — ou por outros meios — por via desta exclamação.

Ernesto Pinto

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

● É uma mulher rude, analfabeta («não sei ler nem escrever»), que trabalhou no campo de sol a sol. Nem cabelo cortado nem roupa da moda: puxo, lenço traçado, chaile, saia de roda, socas — mulher do campo!

Por fraqueza conheceu vários homens, de Trás-os-Montes ao Douro: — Casei com o último p'lo civil, por procuração. É lá de cima. Não conheço o home! Não sei quem é, onde está, s'ê vivo ou morto!»

A história daria um livro! Agora está só, sem nada de ninguém, como tantas outras pelo mundo fora: — «Q'há-de ser de mim c'o a idade que tenho!?! Preciso que m'ajudem...!»

Com os olhos marejados abre a alma, qual *Madalena* do século XX. E diz que (no silêncio da sua casa pequena, no cimo do monte, quebrado pelo folhear do arvoredo, pelo cantar dos passarinhos) já se havia prostrado aos pés de Jesus — por sua livre vontade, quando adoeceu — na pessoa de um discípulo consagrado. Como naquele tempo... Virou, então, as páginas do livro da vida para a Vida!

Vamos acudir, sim senhor!

● Abordámos aquela família de longe, que pousou nestas bandas sem nada de nada. E inteiramo-nos mais do caso, junto da vizinhança. Mas outra carência emerge da sombra: o vizinho tem um filho de 25 anos, deficiente, sem benefícios legais. — *Veja se nos trata do assunto...* — Apareça..., com a documentação.

Apareceu. Durante a acção forneceu os dados e mais não disse. No fim, porém, já servido, levanta *trovoada*: — *Se V. fizerem (bem ao vizinho)... a gente escaqueira aquilo tudo!*

Foi uma *trovoada!*

Não fizemos ondas. É um temperamental... Escutámos, calmamente; e desabafámos com os nossos botões: — Aqui está a paga!

Não é fácil a vida de recoveiro dos Pobres! Já naquele tempo *«foram dez os leprosos curados e apenas um veio agradecer a cura»*...

● Vive em casa muito velha, a desfazer-se, telhado de colmo apodrecido. Uma das raras moradias assim, por estas bandas!

Noutros tempos, verdade seja, o colmo foi coberto de muita e boa gente. Além de típico, bem conservado fazia um ninho acolhedor.

Lembramos o gosto que Pai Américo tinha pela *casa da mata*; e, também, a moradia do irmão, Padre José Monteiro de Aguiar, que deixou muito trabalho e pesquisas para a história do concelho de Penafiel — seu berço. Ele foi o maior historiador das terras de Arrifana do Sousa! Fechamos parêntesis.

Aquele homem em precárias condições de habitação é pensionista. À sua roda vê outros, mais novos, ocupados na *loucura* de novas casas. Um dia, compra uma pequena sorte de mato e lenha no lugar onde reside. Depois, lança a obra *«que dá muito que coçar!»* — exclama d'olhos arregalados.

Está provado, com números irrefutáveis: não fosse a Autoconstrução, por toda a vasta zona do Vale do Sousa seria o caos nos domínios da habitação — pela crescente densidade populacional.

Já que os indicadores falam como gente, apesar de a Autoconstrução avançar sem estímulos, com nicas e tricas burocráticas — sem apoios oficiais — até por isso estas famílias são um exemplo do muito que se poderia e deveria fazer — e não faz...!

Fomos ver a nova moradia, já telhada. E o homem continua a historiar de como chegou até ali, com a ajuda deste e daquele: *«Uma mão daqui, outra dali, a cousa vai... Quero acabar, nesta casa, os meus dias!»*

Chegados na altura própria, demos uma ou outra sugestão para melhor funcionalidade do edifício. Concorde. Por fim, com o «pequeno auxílio», na mão envelhecida, dá graças a Deus pela partilha dos nossos leitores.

PARTILHA — No Espelho da Moda: 1.000\$00 de «Uma Alentejana» que não esquece os seus antepassados e todo aquele mundo específico que nos serviu de berço; assinante 19177, presença certa; «Uma portuense qualquer», idem, pedindo ao Senhor «a graça da saúde para poder continuar a trabalhar e a partilhar com os Irmãos umas «migalhinhas» do meu vencimento»; «Uma Mãe», a sua «cota de aposentação» para os «Inválidos e a Viúva que tem filhos incapazes de ganhar o pão que comem». São tantas por esse País fora, sofrendo a cruz nas quatro paredes de suas casas — sem darem na vista ao grande mundo! Por isso continuam esquecidas!?

Rua Clemente Menéres, Porto, 100\$00. Assinante 21903, 700\$00, lamentando «com mágoa, não poder ser mais generoso para com os Pobres». Mais 300\$00 da assinante 19177, cem dos quais «de uma senhora amiga». Outra vez Porto, assinante 26755, com 2.500\$00 «para serem aplicados como entenderem». Há tanta necessidade!

Assinante 25881: uma carta cheia de problemas que são marca do tempo. Mas há que reagir! Como não esquece os Pobres... é meio caminho andado!

Mais Porto: 1.000\$00 de M. F. C. B. «para a mãe de oito filhos». Metade de Carcavelos. «Os habituais 10 rands para ajuda de quem tanto precisa e eles são tantos, tantos...!» — procedentes de Durban (África do Sul). 700\$00 da «Avozinha de S. João da Madeira» para «Viúvas pobres». A. F., «pequena ajuda para as grandes necessidades»: 140\$00. E topamos muitas, diariamente! Por isso mesmo somos *obrigados* a distribuir às mãos cheias!

— *O meu home está pr'ospital... Estamos sem ganhos; estamos pr'aqui como Deus quer...*

Um bando de filhos à roda da mãe, também cingida à doença, sem queixumes, com um leve sorriso de resignação, quais santos deste mundo pecador! Resignados, sim, à cruz que Deus lhes dá; mas não conformados com as carências em que vivem, do alojamento ao resto, que não é pouco: alimentação..., farmácia com taxas ditas *moderadoras*, e para os Pobres crucificadoras.

— *Ind'agora fomos à botica... Lá ficaram quatrocentos mil réis!*

Não diz mal de ninguém. Só denuncia: — *Lá ficaram quatrocentos mil réis!*

Assinante 373, do Porto, 500\$00. Assinante 18329, também da Invicta, o mesmo. Idem, da capital do Norte, assinante 23547. Lisboa, 200\$00 da assinante 32395. Mais duas notas de 500\$00: Vilares (Vila Franca das Neves) e Rua Teixeira de Pascoais — Matosinhos.



Partilhando

● Mais uma vez vou falar sobre o domingo — um dia importante e especial, cá em Casa.

O levantar não é às sete menos dez, como à semana. O pequeno-almoço é às nove e meia e quase só para os mais pequenos. Os mais velhos — ou porque são trabalhadores estudantes ou apenas trabalhadores — preferem o sono à comida. Ao meio-dia é a celebração da Missa onde todos estão presentes. De tarde, os mais pequenos brincam nos baloiços, jogam a bola, vêem televisão ou vão dar um passeio na carrinha. Os mais velhos têm as suas liberdades para sair.

E se a nossa Aldeia nas tardes de domingo se esvazia um pouco do dentro, enche-se, por vezes, com os de fora que nos visitam. São as nossas visitas. A maior parte traz-nos amizade, partilha material e incentivos espirituais.

A outra traz-nos dores de cabeça, às vezes por ignorância e não por maldade: — Isto é para ti... Dizem «isto» aos nossos, mesmo aos mais pequenos. E «isto» é dinheiro, notas de todos os tamanhos, ocasiões e convite para as tentações. «Isto» não se dá nem se faz assim às crianças! E ninguém que seja bom pai gosta disto assim... O dinheiro para as crianças é um mau companheiro!

Mas o nosso domingo tem as obrigações de todos os dias: cozinheiros, refeiteiros, copeiros, cicerones, o dos galinheiros, os vaqueiros que não têm descanso de manhã à noite. Assim, fui até à vacaria ver o trabalho daquele dia. Estava o grupo completo — Zé Manel, Domingos, «Laranja», «Ambulâncias» e Landó — como uma orquestra afinada e Zé Manel, o «maestro». A medida que o leite ia sendo tirado a cada vaquinha, uma

ração de comida era dada a todas. Ora farinha, ora palha, depois pasto do silo e, por fim, ervinha fresca do lameirão. Cada um no seu lugar com a sua obrigação. Ninguém estava a mais nem a menos. Tudo afinadinho! Passei a assistir. Fiquei até ao fim sem me cansar. Admirei. Pensei. Até sonhei... uma ordem social e universal diferente da que temos: Se cada Homem desse de si ou de seu aos Outros o que em consciência pensa ter a mais e ser obrigação de repartir pelos demais..., então, cada um no seu lugar ordenava o bem-comum!

Se os nossos vaqueiros mandassem no Mundo — como mandam na vacaria — não faltaria leite na mesa das crianças que hoje morrem à míngua dele!...

● Deixemos o domingo e passemos à segunda-feira. A pedido do Padre Maia — pároco da freguesia experimental da Areosa (Porto) — fomos visitar um bairro onde dezenas de casas são barracas

de gente de raça cigana e de raça portuguesa. Tudo portugueses, afinal! Tudo homens criados à imagem de Deus! Tudo — a imagem desfigurada do Homem! As barracas...! As paredes nascem à superfície da terra com as tábuas de caruncho misturadas com chapas cobertas de ferrugem e bocados de plástico a tapar buracos. O tecto fica à altura da nossa cabeça. E a nossa pobre cabeça não estará à altura de «levar» aqueles tectos?... São um peso e um prego tão elevados!

A marginalidade e o desemprego ali vivem refugiados num «prazer» que só a miséria social sabe acariciar e comunicar, de geração em geração

— aumentando sempre... A não ser que o projecto de Padre Maia vá para diante — criando condições de Educação. É o caminho verdadeiro e muito mais difícil do que deitar abaixo a barraca e levantar um bloco de cimento armado. Então, amanhã, as habitações dos filhos daquela gente serão feitas com alicerces bem fundos, a partir da necessidade de viver com a dignidade a que têm direito como a outra gente. Serão outros... E, assim, os barracos não-de-desaparecer..., sem se fazer contas à vida ou aos anos desse grande projecto — a Educação!

Padre Moura

VISITAS DE ESTUDO

A roda do ano vêm à nossa Aldeia, de Paço de Sousa — e restantes Casas do Gaiato — em visita de estudo, educadoras de infância (algumas fazem, aqui, o seu estágio), professores de vários graus de ensino, assistentes sociais, universitários.

Os que já tomaram o gosto, percorrem a nossa Aldeia sem o cicerone. Abordam tudo, todos. «Nós somos a Porta Aberta.» Outros pedem a mão, mas depressa se ambientam e vão pelo seu pé... até aos «Bata-tinhas». Horas adoráveis!

É gente que traz na pasta teoria compilada de tratados, que estuda segundo os esquemas da praxe — sem entrar demasiado nos domínios do concreto. Chegados aqui, porém — e apesar das naturais limitações da nossa Obra — um ou outro sofre um certo impacto: — Como é possível tudo isto girar sobre esferas!?

Hoje, cabe a Padre Moura dar a volta com o grupo finalista de um curso de Pedagogia. Moças com ansia de ver, de saber, d'avaluar. Em breve encontro sobre os fundamentos e acção da Obra da Rua — a todos os níveis — chovem perguntas e respostas. O tempo voa... Pela voz da mais exuberante, «estariam aqui até às tantas...!»

Recolheram um mundo de experiências! «Precisávamos de vir aqui... Só os livros não chegam...!» — sublinha uma outra — para se avaliar do fluxo e refluxo de jovens com problemas específicos; de todo o Bem que a Vida opera em um santuário d'almas que procura fazer de cada rapaz um Homem. E ficaram marcadas pela beleza da nossa Aldeia, pela formação integrada do «Lixo das ruas» — pelo método pedagógico de Pai Américo. «Seguiram radiantes, entusiasmadas...!» — revela Padre Moura.

Formulamos votos para que o bocadinho de experiência colhida por elas, nesta imensa «seara do trigo e do joio», seja para bem da Criança, dos homens d'amanhã — no País que somos.

Padre Duarte

Júlio Mendes

Por fim, a pedido de alguns leitores, esclarecemos que os donativos para a nossa Conferência do Santíssimo Nome de Jesus devem ser remetidos ao cuidado do Jornal O GAIATO — Paço de Sousa — 4560 Penafiel.

Júlio Mendes

IMPRESSÃO DO CORVO

FÉRIAS — No pequeno intervalo a que se chama férias do Carnaval, a nossa Casa ficou mais cheia com a chegada dos do Lar de Coimbra que vêm passar estes dias à Casa-mãe retomando o já característico movimento dos tempos de férias.

AGRICULTURA — Aproveitando estes dias em que somos mais, fizemos alguns trabalhos que nos ocuparam o tempo livre das obrigações escolares: Começámos a pôr colunas e arames na nossa vinha mais recente para, quando crescer, se poder agarrar e os frutos terem mais sabor. A seguir pusemos canas em todas as vinhas e latadas da nossa quinta. Punham-se umas onde faltavam e substituíam-se as velhas por outras mais novas, atando-se seguidamente com vimes. No princípio, apenas três sabiam atar, mas agora todos sabem. A nossa vida é assim: A educação não se faz só pela teoria; faz-se, também e principalmente, pela prática.

CARNAVAL — Já é hábito, desde há muito, passarmos o Carnaval à nossa maneira. Em nossa Casa não há bailes de máscaras, grandes folias, serpentinas, reis momos, e outras manifestações com tão grande significado. «Cada um diverte-se à sua maneira.» Em nossa Casa, todos juntos, formamos um desses «cada um» e por isso o nosso dia carnavalesco não tem grandes divergências entre cada membro dos nossos «cada um».

«Brincamos» com o carnaval! Na parte da manhã pusemos canas na

vinha do nosso olival. À tarde descansámos. Como é bom o sabor do descanso, depois de saboreado o sabor do trabalho! Quereis mais provas de um carnaval tão rico em significado?

NEVE — Que grande é o contraste entre as coisas belas e as consequências que delas podem advir!... Temos o exemplo da neve: Muitas vezes se fazem excursões à tão famosa serra da Estrela para ver o maravilhoso espectáculo, que é a brancura das montanhas e a radiação solar na neve. Geralmente, após estas visitas, fica-se com vontade de as tornar a fazer. Estes dias, como é do conhecimento do leitor, não foi necessário ir aos sítios costumeiros onde neve para se poder vê-la. Ela veio até nós, espalhando o frio, interrompendo as estradas, estragando as culturas.

Agora, da nossa Casa, ainda se vêem as serras brancas, como nos postais de Natal. No dia de Carnaval, à tarde, ela caiu em flocos maiores do que nos dias anteriores. Embora a queda tenha parado muito depressa, não evitou que os nossos a contemplassem com tanta ou mais admiração que nos dias anteriores. Os mais pequenos tentavam guardar, em vão, pedaços daquela brancura igualável à da sua inocência.

REUNIÕES — Aqueles que fizeram ou participaram nos Convívios Fraternos realizados em Coimbra, têm uma reunião quinzenalmente para dialogar acerca dos problemas que são postos aos jovens nos nossos dias.

Outras reuniões são feitas, mas sob outro tema e com outro fim. Nestas discute-se o problema das festas: Se sim e como; se não e porquê?

Se sim, teremos que nos debater com o problema de arranjar música e músico para as canções dos pequenos, principalmente.

Se não, teremos que enfrentar as pessoas que já tão afeiçoadas a elas estavam.

Pedimos a vossa compreensão. E... seja o que Deus quiser!

Chiquito-Zé

Lar Operário em Lamego

Há muito que tenho uma história verdadeira para contar, mas triste e não dá vontade de lembrar actos que envergonham a sociedade e os homens dos nossos dias. Que lucra o mundo em saber de roubos, assassinios, violações, crianças abandonadas, velhinhos postos de lado, amor condicionado, lares desfeitos?

Será possível tirar lições de tais exemplos e fazer escola de renovação moral, com tais notícias? É verdade que Deus, de pedras, pode fazer filhos de Abraão. É verdade que o passado pode e deve ser espelho para levar a reflectir o futuro. A nossa gente também diz que «Deus escreve direito por linhas tortas».

Sem tirar a gravidade ao caso, mas com a naturalidade possível, levantemos o véu da tragédia, em que se acredita, só porque fomos chamados como sinal de esperança.

Toca o telefone e dizem para atender o Tribunal. Pouco habituados às andanças por aqueles corredores, e porque ali, sem pensar na Justiça que se possa fazer, as notícias não são consoladoras, fomos imediatamente, sem conseguir caminhar calma e serenamente. A consciência estava tranquila, mas no rosto adivinhava-se preocupação e as palavras deixavam transparecer o bater

desusado do coração. «Preciso de falar consigo e ver se é possível fazer alguma coisa por três crianças que esta noite ficaram sem mãe, porque o pai a matou, e ele veio para a cadeia.» Assim me saudou um responsável. Já não é a primeira vez que o Tribunal nos pede ajuda.

Não é da sua missão a resolução destes casos; todavia os Homens que ali trabalham, custa-lhes deixar em tais encruzilhadas quem não pode nem sabe, só por si, tomar rumo certo. Quase sempre são crianças indefesas e incapazes de medir o oceano imenso dum futuro desconhecido, onde desapareceram os luzeiros fortes dos pais que as deviam acariciar e fazer crescer.

Não vale a pena perguntar nomes; não interessa saber a terra. É melhor desconhecer causas. São três crianças com quatro, nove e onze anos. Ninguém pergunte o que herdaram dos pais. Ninguém fale em subsídios. A roupa para vestir, o calçado para os pés, o pão para comerem não é com ninguém — mas tem de ser com todos.

Elas ficaram a cargo do Lar de S. Domingos. Nós ficamos contentes porque ainda há quem veja nas Obras da Igreja a única Estrela a brilhar no meio da tempestade.

POBRES

Graças a Deus que posso hoje dar melhores notícias daqueles de quem há quatro semanas revelava a angústia! No meio deste intenso frio que nos tem enregelado, o sol raiou e caminhos se lhes abrem com perspectivas de dias mais tranquilos.

O GAIATO é lugar de denúncia e de proposta de sofrimentos à comunhão de todos os que aceitam partilhá-los. Nós acreditamos na **Comunhão dos Santos**. «Rir com quem ri; chorar com quem chora» é sintoma de vida conformes ao Evangelho. E é remédio que alivia sempre e tantas vezes cura. Nem sempre a solução de problemas está no dinheiro — como julgam os submersos nos conceitos materialistas tão vulgares. Dar do que temos é bom; mas, frequentemente, não chega. Há que dispormo-nos a dar do que somos: a pôr o coração na frente do combate com o risco mais provável de que ele saia ferido.

Foi com o Seu Sangue que Jesus nos redimiu. Será com o nosso que colaboraremos na Redenção. Ou será que o discípulo é mais que o Mestre?! O GAIATO é uma mesa as-

sim de comunhão, um lugar de Esperança. Só por isso é ele o **Famoso**. Só porque a sua fecundidade resulta de desafios que são aceites e assumidos pelos seus leitores. Só porque, na verdade, na tinta das letras nele impressas é a vida de todos que circula, tanto dos que o escrevem como dos que o lêem — vida pronta a dar-se e a depositar-se no tesouro da **Comunhão dos Santos** de onde Deus tira «coisas novas e velhas» que a todos remedeiam.

Ora eu creio que há-de vir desta fonte de Graça, a «força» segundo a qual evoluem tantos e tantos casos dolorosos que nos aparecem como beco sem saída... e afinal os caminhos rompem. Assim aqueles que referia duas quinzenas atrás.

O doente pulmonar, tal como temíamos, voltou dias depois com uma história muito complicada, fruto da sua instabilidade. Porém, com reforçada dose de razões, acedeu regressar ao Sanatório; e, que eu saiba, lá continua. Que assim seja até completa cura!

O jovem paralizado vai-se resignando com coragem crescente à sua situação de aban-

dono pela mulher. Muito afeiçoado às crianças — que nem são suas! — aceitou galhardamente que elas fossem acolhidas de modo a salvaguardar-lhes mais vigilância e melhor futuro. Em volta do seu caso surgiu um belo movimento de solidariedade. E quero destacar a companhia de um grupo de jovens de uma paróquia suburbana que, com o seu pároco, lhe tem dado, nos fins de semana, bons momentos das suas horas livres.

Para o velhinho enjeitado pelos do seu sangue, que tem esperado e espera ainda no leito do Hospital, há uma porta pronta a abrir-se: São as Irmãs de Calcutá que apenas aguardam um fim de obras na casa que a Paróquia da Anunciada porá à sua disposição,

para o poderem acolher. Estas obras, na sua totalidade, demorarão ainda. Mas espera-se que, no princípio de Março, haja já uma sala e os serviços higiénicos indispensáveis para que o doente possa ser recebido.

Assim aproveito dar também notícias destas Irmãs a quem por elas tem perguntado. Fez em 11 de Fevereiro um ano que chegaram a Setúbal.

Foi para elas um tempo de ambientação, de aprendizagem da língua e dos costumes; e para nós a oportunidade de testemunharmos como uma vida de Pobreza, de Humildade, de Abnegação redonda no esplendor da Alegria que com tanta simplicidade elas exibem.

Alojadas por empréstimo aqui e ali, esperamos que será a que agora têm a sua morada por muito tempo. A visita de Madre Teresa, como na ocasião se disse, precipitou a aquisição de casa onde as Irmãs

possam encarnar a sua missão de Caridade, casa essa há muito sem residentes e profundamente degradada.

Vocacionadas para os mais abandonados, partilham, desde há meses, sua pequenina habitação com uma velhinha muito diminuída de faculdades; e têm uma pequenita de dois meses cuja mãe também ali viveu antes do parto e agora está internada num hospital psiquiátrico.

Eis o princípio desta nova Família para Irmãos caídos à beira dos caminhos que as Irmãs, qual Bom Samaritano, irão levantar e tomar sobre si em nome do Senhor.

Deus nos ajude a agradecer-Lhe o dom desta presença, já-mais permitindo que elas se sintam sós no exercício do amor «em obras e em verdade» que, sendo a sua missão, é também dever de todos nós.

Padre Carlos

Património dos Pobres

Cont. da 1ª página

Meteram-se dentro e lá vivem — já sem dinheiro e coragem para continuarem.

A ovelhinha de Urias, inofensiva e paciente!

Uma senhora cristã viu claro. Escreveu uma carta ao Património dos Pobres. Fomos ver. E o Património dos Pobres vai ajudar esta ovelhinha paciente a erguer a sua casinha.

● Fala-se hoje muito em comunidades de base. Não sabendo bem do seu juridismo, entendemos que elas se devem aproximar do espírito e vivência das primeiras comunidades cristãs. Ou seja: Mais Evangelho nos alicerces.

Mais amor e perdão entre os membros.

Melhor partilha dos bens. Menos romarias.

Não baptismos e primeiras comunhões sem sentido e vida.

Também não são necessários templos pomposos. A comunidade pode reunir-se numa sala, numa palhota ou debaixo de uma árvore.

A base está no amor a Deus e aos Outros.

Que todos possam dizer: «Vede como eles se amam!»

Se uma paróquia for uma verdadeira comunidade cristã, cuidará dos seus Pobres.

● Eis o que nos mandaste para o Património dos Pobres e Autoconstrução:

Maria Temudo e marido pagam assinatura e «o restante é para uma gotinha na Autoconstrução».

Do «Nordeste Bragançano» chegaram-nos duma velha Amiga, «40 contos».

De Alhandra: «Junto dois mil escudos para entregar às duas famílias a que se refere no «Património dos Pobres». É uma pequena migalha para a mesa daqueles irmãos».

Da assinante 31082: «Vão dez mil para ajudar a construção de casas para pessoas carecidas. Reconheço que, como cristã, tenho uma grande res-

ponsabilidade na pobreza do nosso País, e quero contribuir para a minorar».

De M. M., do Porto: «Mais uma chega para a «Casa da Paz». Espero no Senhor força para não desanimar e continuar estas «passadas pequeninas», rumo ao objectivo em vista — uma casa para uma família desprotegida, irmãos nossos a quem a vida tem negado o direito à reconfortante segurança de um tecto próprio».

De Bragança, um sacerdote com mil. Sabe bem a presença dum sacerdote!

Da «mãe que crê em Deus», 300\$00 para a renda da Viúva do Barredo.

Do Porto, «mais dez mil

para uma pedrinha aos Autoconstrutores».

De António Martins: «Estando a construir uma casa lembrei-me dos que também vão construindo com muito sacrifício e decidi dar uma ajuda».

Da assinante 13589 uma ajuda para a compra de algumas telhas.

De uma Amiguinha, cinco mil para as telhas duma casinha.

E mais uma ajuda de Guilherme Vaz «para algumas telhas que estejam a fazer falta aos nossos irmãos».

Finalmente, e por hoje, de uma mão discreta, uma ajuda para a ovelhinha de Urias.

Padre Telmo

REFLECTINDO

Cont. da 1ª página

depois de ficar viúva regressou a Portugal e ia vivendo do seu trabalho, mas adoeceu: epilepsia e forte depressão nervosa, necessidade constante de ir aos médicos; muitos medicamentos (sabemos o preço que estes custam). Em médicos, transportes e medicamentos se esvai toda a pensão de sangue...

Triste, só, sem o mínimo para poder viver!

É um caso que trago aqui hoje porque hoje veio ter comigo. Não por ser especialmente significativo. Diria até que é, infelizmente, vulgar.

Os homens crucificaram o próprio Deus que desceu até nós com Palavras de Paz e de Amor. Os homens continuam a crucificar os outros homens, permitindo que vivam em condições dolorosas. Se é fácil sentirmo-nos distantes daqueles que maltrataram e mataram Cristo, já não nos podemos sentir tão longe da morte lenta a que Irmãos nossos estão sujeitos no seu viver. Já não nos podemos sentir tão longe, e essa proximidade deverá ser ocasião de trabalharmos a nossa consciência nesta Quaresma de 1983.

Padre Abel

AQUI LISBOA!

Cont. da 1ª página

pelas teias da vida, provavelmente sem culpa mas de qualquer modo sem grandes consequências para o bem-comum. Entretanto, refastelados e deleitando-se nas suas suficiências ou comodidades, continuarão ouvindo-se, mas de mãos vazias.

«A Igreja deve escolher caminhos de pobreza e de serviço», voltamos a citar. Pois que venham cironeus capazes de se esquecerem de si próprios, abdicando de honrarias e de prebendas, para em humildade e devoção se colocarem «ao serviço de todos os homens, com uma solicitude especial pelos mais pobres, os desprezados, os oprimidos, os isolados, os presos, os doentes, as pes-

soas idosas, todos os tristes e aflitos». Planos sem homens e mulheres para os executarem não terão sentido ou qualquer utilidade.

Todos os anos o facto se repete. Selvagens da pior estirpe, embebidos de espírito de destruição, assaltam a nossa casa da praia, em S. Julião da Ericeira, partindo portas, janelas, telhas, etc. Vidros, sistematicamente partidos, contam-se às dezenas. Um triste espectáculo! Assim vai o País, sem que se antevejam dias melhores e sem o menor respeito pelas pessoas e pelas coisas. Até quando?

Padre Luiz

UMA CARTA

«Gosto muito d'O GAIATO e fico triste pelo que diz, principalmente a respeito dos pais que abandonam os filhos. É triste! Onde estará o mal? Qual a razão porque os pais têm os filhos e depois os abandonam? É preciso resolver este problema! Mas como? As crianças ficam, assim, marcadas para toda a vida...»

Eu sou solteira; nunca tive grande inclinação para casar. Penso que é uma coisa muito séria e muito complicada; só o amor é capaz de aceitar tal responsabilidade. Deve ser a falta de amor que leva os pais a fazer estas coisas?... Enfim, são erros e graves.

O GAIATO faz-me pensar

nas necessidades dos Outros — e vencer o meu egoísmo. O GAIATO é uma autêntica mensagem evangélica — a Mensagem do Amor. Jesus diz que seremos Seus amigos se nos amarmos uns aos outros. E nas linhas de O GAIATO vem bem expresso este amor, de que temos tanta falta!...

Precisamos de aprender a amar! É uma coisa que, muitas vezes, peço a Jesus: que me ensine a amar! Ele deu-nos um verdadeiro exemplo de Amor! Por isso, mando um vale de corneio, pequena quantia para aplicarem no amor aos Outros — por amor de Jesus.

Assinante 21171»



Tiragem média por edição no mês de Fevereiro: 48.500 exemplares.